

Aluguéis altos, salários baixos

«Meu marido ganha só Cz\$ 3.500, enquanto o aluguel da nossa casa, na QNM 22, subiu de Cz\$ 3 mil para Cz\$ 6 mil. A gente não sabe de onde vai tirar o dinheiro para pagar. Vamos acabar mudando para uma invasão».

Essa é a estória de Elizabeth Guedes Jesus, mas que poderia ser da Maria, da Joana, da Francisca ou de qualquer outra moradora da Ceilândia — cidade onde a maioria dos habitantes que trabalham recebe Cz\$ 2.400, o salário mínimo fixado pelo Governo Federal. E é justamente com esse salário que essa maioria vai ter que pagar aluguéis superiores a Cz\$ 3 mil, segundo prevê a Associação de Moradores.

Essa diferença de cerca de mil cruzados nos rendimentos, preocuparia menos as famílias da Ceilândia, se aí estivessem incluídos também os gastos com alimentação e transporte. «Se

fosse assim, a gente daria um jeito», garantiu Elizabeth Jesus, mãe de quatro crianças, todas menores de seis anos. Segundo ela, o seu marido já faz «bicos no final da semana para complementar o orçamento da casa».

Aumentos

«Se ao menos eu tivesse marido», lamentou a viúva Ilda Lopes de Siqueira, mãe de oito filhos. Como não pode deixar os filhos menores para trabalhar, Ilda conta com o dinheiro que os filhos mais velhos conseguem arrecadar nos trabalhos que realizam pelas ruas.

Ela lembra que no início do ano foi obrigada a mudar de Taguatinga para a Ceilândia porque o aluguel, de Cz\$ 600, passou para Cz\$ 5.500. Agora, está apavorada porque vai ter que pagar, todos os meses Cz\$ 4.500 por uma casa de dois quartos na QNM 13, que antes do aumento custava só Cz\$ 2.500. «Talvez teremos que mudar de

novo», concluiu Ilda, sem saber ainda para onde.

Casa Própria

Maria Efigênia Guedes Guimarães, também mãe de oito filhos, afirma que «dói ainda mais o coração» saber que o dinheiro pago pelo aluguel não tem retorno. «Se ao menos, a gente estivesse pagando a prestação da casa própria, seria diferente», desabafou ela. O marido de Efigênia ajudou a construir Brasília, e está há 13 anos na fila da Shis aguardando ser chamado. E, para Efigênia, o sonho da casa própria ainda está muito longe.

Aide Neves de Moura, moradora da quadra 2, também está há muito tempo inscrita na Shis. No ano passado, quando houve o assentamento na Expansão do Setor O, teve esperanças de conseguir um lote, mas assim como outras não foi chamada. E não sabe se isso um dia ainda irá acontecer.